

# A IMPORTÂNCIA DA TRAJETÓRIA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO DOCENTE

Priscilla Maciel

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir a respeito do papel da trajetória escolar pessoal no desenvolvimento profissional do docente. Qual seria a relação entre o docente de hoje com o aluno de ontem? Os professores recém-formados estão preparados para transmitir seu conhecimento de forma que o aluno consiga apreender de um modo mais próximo a sua realidade, e haja uma via de mão dupla entre ensino e aprendizagem? Para buscarmos aproximação mínima a tais questões, o material utilizado será um dos relatórios de estágio elaborados pela autora, e o referencial teórico dos autores Lee Shulman e Maria da Graça Nicoletti Mizukami, acerca do tema ora em tela. O relatório contém, além da descrição da escola e de uma determinada aula, minha trajetória escolar e profissional.

**Palavras-chave:** formação profissional do docente; aluno; ensino

## INTRODUÇÃO

Shulman e Mizukami (2014 e 2004) discutem quais seriam as melhores formas de um professor transmitir seu conhecimento aos alunos. O termo “transmitir” conhecimento é aqui utilizado, no sentido de refletirmos a respeito das melhores e mais eficazes estratégias didáticas para que alunos quaisquer possam fazer aproximações sucessivas aos conteúdos escolares, partindo do que já sabem, e buscando estabelecer novas relações.

Será que somente o curso específico da área do profissional garantiria a autonomia necessária para que ele ou ela pudessem utilizar os diversos modos de disseminar seu conhecimento? Disso decorre outra questão: quais seriam os

saberes necessários à docência? Seria suficiente dominar o conteúdo a ser ensinado? Os autores nos indicam que não.

Se não, quais seriam os demais saberes necessários, como influenciam a prática docente, e como o aluno, futuro professor, poderia vir a aprendê-los?

Através de pesquisas realizadas com professores experientes e “neófitos” (termo utilizado por Shulman), será possível compreender como e quais estratégias podem ser utilizadas durante as aulas para tornar o ensino e o aprendizado “mais fáceis”, ou melhor, mais próximos da realidade do aluno.

Como será explorado, os saberes necessários à docência são múltiplos, e emanam, inclusive da própria experiência pessoal, assim como, aproximações ocorridas ao longo da vida pessoal, inclusive como alunos. Nesse sentido, esse trabalho focaliza a experiência pessoal da autora, vivida ao longo de sua trajetória como estudante, e revivida em uma disciplina do curso de formação inicial para a docência.

Dessa forma, aproveitou-se o texto elaborado a fim de dissertar acerca da trajetória pessoal, e aqui retomado, em alguns excertos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho contará com a fundamentação teórica do professor Lee S. Shulman, em seu ensaio “*Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma*”, publicado em 2014 na revista Harvard Educational Review;

“Nesse ensaio, apresento um argumento relacionado a conteúdo, caráter e fontes para uma base de conhecimento e sugiro uma resposta para a questão da base intelectual, prática e normativa da profissionalização do ensino. As questões focalizadas pelo argumento são: quais são as fontes da base de conhecimento para o ensino? Em que termos podem ser conceituadas essas fontes? Quais as implicações para uma política do ensino e para a reforma educacional?” (2014, p.200);

O mesmo autor também fala sobre como os testes para ter uma base de conhecimento começaram. Ele explicita que, quando os professores passavam por uma avaliação sobre como estavam ensinando, o avaliador não era, necessariamente, da mesma área; segundo Shulman, não era importante se eles

pertenciam à mesma área, pois o que estava sendo observado era a forma com que o professor passava aquele conhecimento para os alunos.

Outro ponto que o educador aponta é que ao avaliar o professor, os alunos também passavam por testes padronizados. Nestes testes, os pesquisadores perceberam que era necessário simplificar algumas coisas, porém o “conteúdo passado, o contexto em sala de aula, características físicas e psicológicas dos alunos não eram, necessariamente, avaliados.” (2014, p.204) O que houve após estes testes foi a criação de uma lista de comportamentos e condutas que os docentes deveriam seguir.

“Neste ensaio, argumento que os resultados da pesquisa sobre eficácia do ensino, embora válidos, não são a única fonte de informação para definir a base do conhecimento para o ensino.” (2014, p.205) A partir disto, Shulman discorre por uma série de conceitos os quais ele acha necessários para a formação profissional de um docente. Ele começa dizendo que a atuação docente começa quando um professor entende o que deve ser ensinado e assim ensina; não que o ensino seja somente isso, mas o começo é esse; ampliando este processo, o professor utiliza de suas habilidades didáticas, valores ou ações para que o conhecimento seja passado. Depois de dissertar mais sobre as formas que o professor pode passar o conhecimento, a pesquisa divide a base do conhecimento em 4 (quatro) grandes fontes, são elas:

- Formação acadêmica nas áreas do conhecimento ou disciplinas; “Esse conhecimento repousa sobre duas fundações: a bibliografia e os estudos acumulados nas áreas de conhecimento, e a produção acadêmica histórica e filosófica sobre a natureza do conhecimento nesses campos de estudo.” “O ensino é, essencialmente, uma profissão que exige formação acadêmica.” (2014, p.207)
- Os materiais e o entorno do processo educacional institucionalizado; Para conseguir atingir o objetivo de ensinar, usam-se materiais e métodos para ensinar e aprender; pode-se encontrar entre eles: currículos; sequências didáticas; avaliações; a instituição com suas regras e papéis; organizações profissionais de professores, com suas funções de negociação, mudança

social e proteção; agências governamentais em todos os níveis; mecanismos gerais de gestão e finanças.

- Formação acadêmica formal em educação; “Pesquisas sobre escolarização, organizações sociais, aprendizado humano, ensino e desenvolvimento, e outros fenômenos sociais e culturais que afetam o que os professores fazem.” (2014,p.207)
- A sabedoria que deriva da própria prática; É a última fonte da base de conhecimento e é a menos estudada e codificada de todas. (2014, p.211) Shulman diz que é a própria sabedoria adquirida com a prática.

E será utilizado também o trabalho da professora Maria da Graça Nicoletti Mizukami, “*Aprendizagem da Docência de L.S. Shulman*”, publicado em 2004 na revista Santa Maria:

“A hipótese de Shulman é a de que os professores têm conhecimento de conteúdo especializado de cuja construção são protagonistas: o conhecimento pedagógico do conteúdo. Os professores precisam ter diferentes tipos de conhecimentos, incluindo conhecimento específico, conhecimento pedagógico do conteúdo e conhecimento curricular.” (2014, p.34)

A professora Mizukami faz uma síntese de algumas pesquisas de Shulman e disserta sobre elas, dando mais exemplos de quais estratégias o professor pode utilizar diante uma sala de aula, assim como quais modelos ele pode seguir para passar o conhecimento.

## LEVANTAMENTO DE DADOS

A partir desse ponto, passamos a apresentar alguns excertos de um texto, elaborado ao longo de uma disciplina do curso de formação inicial para a docência, para a qual disserto a respeito de minha experiência escolar pessoal, vivida ao longo da educação básica.

Este momento aborda a transição do Fundamental I para o Fundamental II:

“Quando começaram as aulas, eu lembro que me senti perdida e não sabia o que anotar, como anotar, onde anotar; estava realmente perdida. Lembro-me de alguns

professores, a professora Telma que era de biologia, sempre foi muito gentil conosco, explicava de um jeito fácil de entender e nos acalmava quando estávamos assustados com o novo momento escolar. Ela foi nossa professora coordenadora da 5ª série à 8ª.” (2016, p.3)

No trecho abaixo, falo sobre os primeiros contatos com a língua inglesa, vale ressaltar que minha mãe havia me colocado no curso da língua em 2005;

“Durante todo meu tempo de Ensino Fundamental II fiz inglês, e confesso que não prestava muita atenção nas aulas de inglês da escola regular por dois motivos: 1) todo ano era verbo To Be e 2) era a mesma professora que não gostava dos alunos e atacava giz em nossas cabeças.” (2016, p.3)

Nesta parte do relato, já estou no ensino médio, 1º ano para ser mais exata, e comento sobre uma professora que marcou minha trajetória na área da matemática:

“Uma professora que marcou bastante este início de novo ciclo foi a professora de matemática. O nome dela é Mirian, ela era rígida conosco, a sala ficava em silêncio total na aula dela; lembro que ela colocava-nos na ordem da lista de chamada. Tínhamos aula com ela todos os dias. Ela foi a única professora que fez com que eu gostasse de matemática.” (2016, p.4)

Aqui, falo como outra professora do Ensino Médio marcou minha vida acadêmica, porém não positivamente:

“Por último, mas não menos importante, tive aula com a professora Edna de inglês, era a matéria que eu mais gostava, até porque eu já estava no CNA fazia algum tempo então era algo que eu me identificava bastante. Infelizmente com essa professora eu comecei a pegar raiva das aulas de inglês, das aulas dela não as do curso, e toda vez que ela entrava na sala já começava com os gritos, falando que a gente era um bando de inútil que não seríamos nada na vida. Certamente ela não tinha prazer nenhum em dar aulas.” (2016, p.5)

Neste último trecho abordo a relação significativa construída com meu professor do curso de idioma. Ele sempre insistia no sentido de que eu assumisse algumas aulas, na própria escola de idiomas, que estudava:

“Um fato que eu achei engraçado foi o meu professor do curso de inglês, periodicamente, perguntava se eu queria dar aulas lá na escola; eu sempre dizia que não pois estava fazendo cursinho e não tinha tempo e muito menos cabeça para dar aulas. Na verdade eu não tinha vontade de dar aula.” (2016, p.7)

Na última linha deste trecho deixo muito claro que não tinha vontade de dar aulas. Tinha este pensamento em função de minhas experiências, pouco significativas, com professores de inglês na escola regular. Acho que tinha esta visão porque minha mãe também é professora, não atua mais, porém ela dizia que é uma área que ainda precisa de muito reconhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões que foram abordadas no começo desta dissertação são muito amplas e necessitam de mais pesquisas e mais dados para que todas as perguntas sejam discutidas, analisadas e respondidas de forma com que o leitor faça uma maior reflexão sobre o assunto.

Este trabalho tem o propósito de, com a colaboração da experiência vivida pela autora, elucidar alguns pontos importantes que muitas vezes são deixados de lado no momento da pesquisa de como um docente deve ou não se comportar e, também qual teria sido o papel dos antigos professores na vida e escolha do caminho profissional do docente recém-formado, ou daqueles ainda em formação.

Os trechos escolhidos, foram protagonizados por alguns docentes em determinadas situações que marcaram a vida escolar e profissional da autora de alguma forma. Foi possível observar que em diversos momentos da trajetória pessoal, como estudante da autora, houve experiências boas e ruins com professores ao longo de sua jornada escolar, desde o ingresso no Ensino Fundamental I até o curso de idioma.

O enfoque desta análise se dará em duas das quatro grandes fontes para a base do conhecimento que Shulman disserta em seu trabalho: a *Formação acadêmica formal em educação* e *A sabedoria da prática*.

Shulman (2014) diz que a formação acadêmica formal em educação é uma das etapas mais importantes que o docente pode ter, pois apresentam aspectos

normativos e teóricos do conhecimento acadêmico sobre o ensino. Em todas as situações mostradas no tópico anterior, foi visto que os professores possuíam este conhecimento teórico, pois exerciam a docência em escola pública e, para que o docente dê aula numa instituição pública, presume-se que o mesmo tem o conhecimento acadêmico sobre o ensino. Entretanto, nem todos demonstravam tê-lo, ou o praticavam em suas aulas.

Por exemplo, as professoras de língua inglesa, certamente tinham este conhecimento teórico, pois davam aulas em escola pública, mas elas não o utilizavam. Chegavam à sala, aparentemente nervosas, ou descontentes e não utilizavam, o que Shulman (2014) chama de “a visão o que é uma boa educação” e nem o que seria “um jovem bem-educado”.

As professoras não estimulavam os alunos de forma com que eles pudessem perceber seu potencial.

Já o professor do curso de inglês parecia enxergar o potencial dos alunos – uma vez que ele não convidou somente a autora, para as aulas na escola de idiomas, mas também o fez com alguns de seus colegas. Este professor estimulava os alunos e dava a oportunidade de cada um mostrar o conhecimento que foi adquirido. Ele foi citado porque, além de dar aulas na escola de idiomas também é professor na rede pública de ensino. Ou seja, as situações são parecidas, os três professores da língua estrangeira eram de instituições públicas, a única diferença é que um deles também lecionava em uma escola de idiomas.

Os outros professores citados, a de matemática e a de biologia, também tinham este conhecimento, e também viam o potencial nos alunos, estimulavam cada um dos alunos a ampliar seus conhecimentos, exigindo algo que sabiam, poderia ser feito, e para isso, ofereciam oportunidades que os alunos precisavam. Em contrapartida, as duas professoras de inglês tinham dificuldade em lidar com os alunos, e acabavam por desestimulá-los causando desconforto durante as aulas.

Para analisar a *sabedoria prática* de cada um, seria necessário ampliar o que sabemos sobre cada um dos professores, como por exemplo, quantos anos cada um deles lecionou, a fim de ter uma base de quantos anos práticos eles tiveram. Os professores que a autora citou, pareciam ter mais de 40 anos, em média um docente leva de 4 a 5 anos para concluir sua formação, então os professores citados deveriam ter em torno de 15 a 20 anos de prática. Logo, cada um deles teve mais ou menos 20 anos para “praticar” o ato de ensinar. Não esquecendo que, cada

professor é uma pessoa, e que pessoas são diferentes, agem e pensam de formas diferentes.

Cada professor teve sua experiência, talvez as professoras de inglês tenham tido experiências ruins, e que tais experiências podem ter acarretado algum sentimento de desestímulo com a atividade exercida, mas também há a possibilidade de ter sido o contrário, tiveram experiências boas, mas adquiriram esta postura que afasta os alunos.

O mesmo pode ter ocorrido com os “bons” professores citados, podem ter passado por “maus bocados”, mas, mesmo assim, preferiram escolher fazer diferente e se tornarem professores que inspiram alunos e não aqueles que os repelem.

Esta questão da prática docente depende, entre outras coisas, do que cada professor passou em sua trajetória, tanto na acadêmica quanto na profissional, e pessoal, então é algo difícil de fazer alguma afirmação concreta, por isso foi trabalhado no campo da suposição.

É preciso que o docente recém-formado e o que está em formação, tente desvincular-se das más experiências que tiveram com seus antigos mentores; é preciso que eles tenham sempre os bons profissionais em mente, que eles queiram fazer a diferença na vida de um aluno, pois é essa a beleza de ensinar.

Não há nada mais lindo do que ver o olhar de “eureka” no rosto de um aluno quando ele entende um ponto que ele tinha dificuldade. E foi por esse motivo que a autora resolveu continuar na área do ensino, para poder fazer a diferença e poder inspirar pessoas.

## REFERÊNCIAS

MACIEL, Priscilla. Relatório de estágio, elaborada para a disciplina Docência na Contemporaneidade. São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016. *Minha trajetória Escolar e Profissional*.

MIZUKAMI. M. G. N. *Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman*. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3838>, acesso em 27/02/2017.

SHULMAN, L. S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. *In: Cadernos CENPEC*, volume 4, nº 2, pág. 196 – 229, São Paulo, dez. 2014.